



## Manifesto Poliédrico-estético-político Afetivo por um Coro de corpos distantes

### Affective Polyhedral-aesthetic-political Manifesto for a Chorus of distant bodies

Carol Rocha Ewaci, Carolina Angrisani, Dafne Michellepis, Diego Cardoso, Gabriela Flores, Haylla Rissi, Jaoa de Mello, João Pedro Ribeiro, Luciana Marcon, Rafael Percino e Sofia Botelho <sup>1</sup>

---

1. Os autores e autoras são mestrandos e doutorandos no Programa de Pós-graduação em Artes do Instituto de Artes da Unesp/SP. Com experiências variadas com a linguagem teatral, dedicam-se à atuação, à educação, à direção, à dramaturgia e à dança, e participam de coletivos teatrais do sujeito histórico teatro de grupo paulistano. Carol Rocha Ewaci: ORCID 0000-0002-0914-3281; Carolina Angrisani: ORCID 0000-0002-1506-0917; Daphne Michellepis: ORCID 000 0-0002-1336-4175; Diego Cardoso: ORCID 0000-0002-5962-9191; Gabriela Flores: ORCID 0000-0002-3516-2064; Haylla Rissi: ORCID 0000-0003-3588-577X; Jaoa de Mello: ORCID 0000-0002-2429-6825; João Pedro Ribeiro: ORCID 0000-0001-6894-7450; Luciana Marcon: ORCID 0000-0002-8170-3319; Rafael Percino: ORCID 0000-0003-1445-2000; Sofia Botelho: 0000-0002-4412-8255.

## Resumo |

Manifesto coletivo elaborado por estudantes de mestrado do Programa de Pós Graduação em Artes do Instituto de Artes da Unesp criado como finalização do curso “Seminários de Pesquisa I”, ministrada à distância via *Google Meet* pelo Professor Alexandre Mate e pela Professora Simone Carleto, entre os meses de março e julho de 2020. Na obra, os/as estudantes manifestam, de modo poético, o percurso trilhado, imbricando referências, impressões, afetos e atravessamentos. As leituras de cada integrante sobre a experiência se manifestam como um coro, a partir do qual pode-se visualizar-ouvir vozes diversas. Os pontos de vista diferenciados, de acordo com o repertório de cada pesquisador(a), possibilitam o exercício de leitores no sentido de formar imagens caleidoscópicas, ou seja, em permanente movimento e transformação.

Colocam-se autoras e autores estudados em diálogos múltiplos com as e os estudantes, de modo que poeticamente podem se encontrar à beira da fogueira, forma ancestral de partilha. As reflexões são compostas de metáforas, relações com os projetos de pesquisa e revelam a busca sensível e crítica de formas de criação e investigação cênica.

O texto faz parte de um tríptico, em conjunto com *Apontamentos quanto aos Procedimentos Desenvolvidos em Aula “Mediada” por Procedi(enquadra)mento Virtual...*, de autoria de Alexandre Mate, e *Travessias do Aprendizado*, por Simone Carleto, publicados em conjunto na edição 13 da Revista Rebento, no ano de 2020.

**Palavras-chave:** Manifesto. Pesquisa em artes. Escrita poética. Criação artística. Ensino-aprendizagem remoto.

## Abstract |

### ABSTRACT

Collective report prepared by master students of the Postgraduate Program in Arts of the Unesp Institute of Arts during the subject “Research Seminars I”, taught at a distance via *Google Meet* by Professor Alexandre Mate and Professor Simone Carleto, between the months of March and July of 2020. They expose in a poetic way the path trodden, interweaving references, impressions, affections and crossings. The readings of each member about the experience are manifested as a chorus, from which it is possible to visualize-hear different voices. The differentiated points of view, according to the repertoire of each researcher, enable the exercise of readers in the sense of forming kaleidoscopic images, that is, in permanent movement and transformation.

Studied authors are placed in multiple dialogues with the students, so that poetically they can find themselves by the fire, an ancient form of sharing. The reflections are composed of metaphors, relationships with research projects and reveal the sensitive and critical search for forms of scenic creation and investigation.

The text is part of a triptych, together with *Notes on the Procedures Developed in a Class Mediated “by Virtual Procedure (framework)...*, by Alexandre Mate, and *Travessias do Aprendizado*, by Simone Carleto; and *Affective Polyhedral-aesthetic-political Manifesto by a Chorus of Distant Bodies*, by students of the cited course, published together in issue 13 of *Revista Rebento*, in the year of 2020.

**Keywords:** Manifesto. Arts research. Poetic writing. Artistic creation. Remote teaching-learning.

“O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: procurar e reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço.”

Italo Calvino



Este manifesto coletivo foi escrito por: Carol Ewaci, Carolina Angrisani, Dafne Michellepis, Diego Cardoso, Gabriela Flores, Haylla Rissi, Jaoa de Mello, João Pedro Ribeiro, Luciana Marcon, Rafael Percino e Sofia Botelho.

Na condição de estudantes, nós, artistas, educadores e utopistas reunidos, tivemos nossas memórias evocadas pelo Professor Alexandre Mate, que nos convidou para organizar, por aqui, nossas travessias durante o curso. A partir de algumas provocações escritas durante o caminho, como: descrever nossas singularidades; lembrar de momentos de superação significativo na vida; revelar desejos intensos que, constantemente tentam, se realizar; se imaginar em volta de uma fogueira conversando com algum(a) dos(as) autores(as) discutidos(as) ao longo do curso; registrar lampejos de alegria, contentamento, descobertas e felicidade durante a trajetória compreendida pelo curso... Assim, elaboramos este manifesto coletivo. A memória é, portanto, coletiva, visto que - tomando tese de Maurice Halbwachs (1990) -, mesmo que o ato de lembrar possa ocorrer em ato solitário, o lembrado é sempre histórico-social.

Um lampejo durante o curso foi a percepção de um chão histórico e, a partir disso, nos entendermos como sujeitos históricos. Observarmos as camadas e estruturas sociais, assim como a história que nos permeia; é como se ganhássemos a ferramenta necessária, capaz de fazer-nos compreender o nosso tempo e, ato contínuo, a possibilidade de transformá-lo. Pois, se estamos fazendo História, somos os agentes da ação e, portanto, está ao nosso alcance, às nossas mãos, construir hoje as histórias que serão as memórias do amanhã. E essa história coletiva será construída por NÓS, em primeira pessoa do plural.

Ao ouvir e apresentar relatos pessoais, estes tornaram-se absolutamente coletivos; assim, os assuntos que permearam a travessia do “Seminário de Pesquisa I ampliaram nossas vozes.

A travessia foi prova de resistência, aulas semanais de quatro horas de duração em uma plataforma virtual, corpos sentados em meio à pandemia. Foi uma proposta desafiadora, pois muitos de nós jamais nos havíamos visto presencialmente. No entanto, juntos pelas telas, compusemos uma série de efêmeras alegorias. Foi um belo passeio. Guiados pela sensibilidade, sagacidade e pelo coração pulsante de Alexandre Mate e com o apoio fundamental de Simone Carleto, nos sentimos amparados nessa aventura de conhecimento, já que muitas vezes, alguns dos textos, autores e autoras não eram tão próximos de nós.

1. (uma receita de bolo sem farinha e sem leite)...

Precariedade de recursos, artesanaria, sonho, criatividade e coragem. Sem muitos recursos à disposição, mas abastecidos de sonhos e criatividade e um tantinho de coragem, no sentido da ação que vem do coração, para fazer aquilo que está ao alcance das mãos.



- E, para provar que não ia ter mais medo, a única coisa que veio à cabeça foi atravessar o pontilhão, pegar o trem e atravessar a ponte sentido centro, indo até a Estação da Luz de trem, sozinho e sem falar para ninguém. Apenas eu e minha cadernetinha de ideias. Nesse dia senti uma liberdade infinita e silenciosa dentro do trem da CPTM, fazia anos que queria fazer aquilo: A travessia.

## 2. (um lugar fora: fogueira)

Puxaria um papo com Walter, Walter Benjamin, chamando-o assim: Benjamin - como se pronuncia em português. E não teria lugar melhor do que em volta da fogueira, perto do fogo, para pedir que ele me narrasse uma história de sua vida, para observá-lo atentamente em sua narrativa (como ele escolhe contar essa história?). Depois, não poderia deixar de perguntar a ele quais artistas hoje, no Brasil, ele apreciaria; quais artistas hoje, no Brasil, conseguem manter-se produzindo arte sem se venderem. Em noite quente de São João, lua nova que é para ver melhor as estrelas, gostaria que conversássemos sobre os possíveis desdobramentos de "O autor como produtor" (BENJAMIN, 1994) no fazer artístico na chamada pós-modernidade, acompanhado de suas narrativas e experiências.

Conversaria com Norbert Elias sobre a Corte (principalmente francesa), ao redor de uma fogueira ateadada nos Jardins de Versailles...

Em uma fogueira, Robert Darnton entraria na conversa para contar sobre as astúcias em *O grande massacre dos gatos* (2010). Enquanto Carlo Ginzburg forneceria pistas sobre como seria o mundo pós-pandemia. Hobsbawm insistiria em afirmar que basta olhar para o passado e ele poderá trazer as respostas para entendermos onde estamos, e que a partir dessa compreensão, poderemos construir os caminhos do amanhã. Ecléa Bosi apontaria toda vez que estivéssemos olhando o outro como estereótipo. O professor Ulpiano T. B. de Meneses proporia um jogo da memória junto ao camarada Bertolt Brecht e, dessa forma, muitas perguntas seriam feitas e a conversa recomeçaria a respeito das estruturas sociais que nos oprimem.

Bakhtin diz para mim: Qual linguagem da língua vamos usar? Qual boca do riso vamos sorrir?

Me foi pedido para que eu trouxesse dois momentos de superação de algo maior, de alguma coisa que não pensávamos que conseguiríamos superar, grandes medos. O primeiro medo me trouxe essa imagem (figura 1) à mente; a desolação, o pesar:



**Figura 1.** Oedipus at Colonus (1798), de Fulcran-Jean Harriet (França, 1778-1805). Arquivo da web.



### 3. **um lugar dentro:** o buraco dentro do esterno.

Um lugar fora de mim me lembra a multidão, o cardume de pessoas que tinha de atravessar para chegar em qualquer lugar. Hoje não chego mais: fico.;

- Voltei o olhar ao mundo querendo criar como quero que ele seja.

- Dizem que os meus olhos brilham. Gosto disso.

- Palco é fora e dentro, é útero onde nascemos e continuamos nascendo, onde morremos e continuamos morrendo...

(Mas ninguém ousa admitir).

- O êxtase dos risos, ruidosa, mas muito preciosa. Reconfortante. O resto é silêncio.

Penso que, etimologicamente, essa palavra significa que: através do outro eu sou igual, mas diferente, também.

- Quando fiz treze anos, tive uma vontade muito forte de reinventar o mundo, criar um mundo de caminhos livres, árvores fortes e onde pudéssemos viver melhor. Para isso, decidi que seria prefeito da cidade de São Paulo, e saí pelas ruas de Pirituba com meu cachorro - o Puff - e uma cadernetinha, anotando todas as ideias que vinham à minha mente. Andava muito pelo bairro, porém nunca atravessava o pontilhão do trem, nem ultrapassava a ponte do Piquerí, porque diziam que isso seria muito perigoso. Lembro também que, nesse mesmo período, passei a brigar muito com meus pais; era quase infernal, mas necessário: inconscientemente, preparava terreno para quebras ainda maiores dentro de mim, no meu corpo e no pequeno mundinho que existia à minha volta.

Aqui dentro o sol só bate muito cedo, entre sete e oito. é frio o dia inteiro, mas entre sete e oito uma luz enviesada entra pela janela e tinge a parede lateral com um lilás meio cor-de-rosa (fig. 2).



**Figura 2.** Foto de Sofia Botelho, por Cristina Botelho. Arquivo da modelo, s/d..

*Memória passa atravessa*

*Algumas marcam por um tempo depois se diluem*

*Outras ficam chumbadas em algum lugar pra sempre*

*Essa parede rosa aí de pé tem mais de 100 anos*

*É uma história da minha família - meu corpo toca mas a minha memória não alcança*

Ao longo dos anos esse corpo cresceu conheceu viajou estudou dançou transou se embriagou apaixonou chorou cantou contorceu treinou correu caiu dormiu comeu não digeriu adoeceu atuou despediu-se falou alto sussurrou ritualizou gozou espremeu esperneou tatuou cicatrizou quebrou implorou gargalhou.

Rios passaram dentro e fora.

Alguns ficaram marcados na parte externa - tem cicatriz tatuagem ferida ruga mancha - Outros vivem subterrâneos.

Aí fora não é mais a mesma coisa. as lavandas morreram, mataram o capim-santo, os tijolinhos perderam a cor de cal branco. a árvore de folhas vermelhas, que parecem encharcadas, ainda tampa a janela e o pé de limão insiste em dar fruto.

O segundo medo me trouxe esse texto à mente:

*"E agora sou arrastada, virgem ainda, para morrer, sem que houvesse sentido os prazeres do amor e os da maternidade. Abandonada por meus amigos, caminho, viva ainda, para a mansão dos mortos. Deuses imortais, a qual de vossas leis eu desobedeci? Mas... de que me serve implorar aos deuses? Que auxílio deles posso receber, se foi por minha piedade que atraí sobre mim o castigo reservado aos ímpios? Se tais coisas merecem aprovação dos deuses, reconheço que sofro por minha culpa; mas se provém de meus inimigos, eu não lhes desejo um suplício mais cruel do que o que vou padecer!"*

*Sófocles*

4. lugar dentro: **rua.**: ruidosa, mas muito preciosa. reconfortante.

RACISMO ESTRUTURAL, fundamental tocar nesse assunto sendo a única negra e representante da CULTURA NEGRA no ingresso neste mestrado.

A BUFA, cansada de levar bofetadas da hipocrisia, toma conta e diz: na nossa sociedade seria melhor que tivéssemos marcados no chão os caminhos que cada um pode percorrer, delimitados por cor. Vamos assumir abertamente categorias de cor (castas?! Cidadãos da categoria verde podem se deslocar por determinados locais, cidadãos da categoria amarela, por outros determinados locais, já os azuis violeta, ah, os azuis violeta é melhor que transitem apenas por locais bastante restritos, caso contrário...

Representante singular de muitas vozes, muitos corpos, históricos e sociais, narrativas de muitos amores e dores, um corpo cheio de SANGUE, que sangra todo mês numa travessia de luas, desde quando conseguimos sentir pelos líquidos que nos escorrem: a lágrima, o suor, o sangue, o gozo, a saliva... os sentidos que ancestralmente me movem, me percorrem e fazem atravessar outros caminhos, que por vezes apresenta-se o mesmo de novo, e de novo.

Depois descobri que posso escrever UMA CARTA DE AMOR em um mestrado! E também, fazer um bolo ruim, pensando que o amanhã morre hoje, o hoje que ainda falta ler as muitas páginas de mundo que ainda tenho para entender... e ouvir, ouvir e ouvir, confundir... descobrir... não tem como resumir... desculpe, a travessia se explica no processo.

Se quando fui achando que não saberia estar temendo que não fosse sabendo que era, tornei o que sou, e agora eu é.

Perguntaram na aula sobre dois desejos muito intensos, que permanentemente tento realizar. A imagem abaixo (figura 3), com toda nossa trajetória como grupo, foi tudo o que consegui pensar.





**Figura 3.** *Frenzy of Exultations* (1893), de Wladyslaw Podkowiński (Polônia, 1866-1895). Arquivo da web.



5. ser.

Desejante, onírico e romântico. Foi preciso muito para contar para minha família que sou gay. E ter conquistado o Medo da rejeição, me tornar um bom artista, me tornar desejado. Sempre ter me sentido diferente das outras pessoas, nunca ter me encaixado.

A travessia mais temida por todas as formas de exercer o poder totalitário é a travessia que acontece dentro de cada um, é a travessia de si para si mesmo, é a travessia do peão no tabuleiro de xadrez que, ao atravessar de uma extremidade à outra, vira rei, rei da própria existência.

SOU BICHO TERRA  
QUE SONHA VOAR!

MANTO VERMELHO  
ESQUENTA

ASAS A GERMINAR!

VOZ  
FIO DO CANTO  
ENCANTO

ENTRE POROS E PELE  
ENTRE FIOS

NA REDE  
A CONECTAR

BICHO AR  
NA POESIA  
ENCONTRA TERRENO  
PARA BAILAR!

"DES-  
MO-  
RO-  
NAR... "

- Um dia, meu pai brigou comigo porque eu estava brincando de "desfile de moda", na rua de casa; lembro bem desse dia: minha vizinha nos observava enquanto brincávamos de desfilarmos na rua; todos estavam brincando, mas ela só falou com o meu pai sobre mim e sobre o que podiam ou não estar dizendo por aí. Meu pai fez questão de frisar que isso podia ser perigoso para mim, que eu não devia mais brincar assim. Fiquei muito incomodado e menti para ele dizendo que ia à casa da minha vó. Decidi que não podia mais viver daquele jeito, viver com medo.

Através da loucura, desfaço entre eu e o lúdico, a fantasia em ser! Ser inclusive, quem sou: "Só se pode viver perto de outro, e conhecer outra pessoa, sem perigo de ódio, se a gente tem amor. Qualquer amor, já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura" (ROSA, 1986, p. 272). E o humor! O humor, assim como um balão, me carrega para o presente, me presenteia com o olhar que ao mesmo tempo é uma dádiva e uma maldição: o olhar de quem não aceita o mundo como ele é.

E lá está o Conde de Lautréamont, tomando um vinho e falando sobre sua morte e vida.

Conversas com Brecht sobre Mãe Coragem, sobre Maria Alice Vergueiro, sobre subversões da atriz, sobre tragédia grega, sobre Medéia e Cassandra e Antígone. Sobre tragédia grega na rua. Bebendo vinho. Dançar com Brecht ao redor da fogueira, flertar com Benjamin, será? Escutar professor Ulpiano e Hobsbawm e suas reflexões sobre a história do Brasil, sobre o Brasileoooo! Adoraria testemunhar uma discussão acalorada dos racionalistas com os pós-estruturalistas e tudo terminar em festa, gargalhada, suores, olhares e desejos de montar um projeto, um espetáculo para 2021!

ALEGRIA DE ESTAR ENTRE FORTES AFETUOSOS CORPOS

Virtuais

ALEGRIA DE NARRAR E AUSCULTAR O NARRAR

Virtual

TRILHA ABERTA NA FLORESTA DENSA, SUNTUOSA  
GUIA SÁBIO E MUITO DIVERTIDO

épico

COLEGAS DE AVENTURA ÉTICOS POÉTICOS POLÍTICOS

argutos argonautas

ASTRONAUTAS NA REDE FIO DE CONEXÕES:

Escuta/ ação

Eita... agora, nessa fogueira, preciso fazer uma discussão intelectual baseada em... mim! E a partir disso, a travessia desmoronou, fiquei na terceira margem?

6. (Lugar fora: **eu**.)



**Figura 4.** "Acervo pessoal, do tempo em que não sabiam se eu (Joa de Mello) era menino ou menina. Continuo sem saber..." . Arquivo do autor, s./d.

Minha memória me sabotava, minha cultura parecia escassa, a história me confundia, o senso comum pervertia, o engajamento me provocava. Vim traçando um percurso, tentando traduzir um mapa, mas tradução é traição. Meus dentes tortos, minhas unhas afiadas e meu pelo alto me fizeram pensar que eu era urso. [ ] eu era? De repente, um lampejo: percepção e intuição são formas de conhecimento. Vislumbrei os caminhos sendo apontados por uma trajetória que eu poderia ajudar a traçar, também. Memória, cultura e história apontam a rota de uma narrativa que se desenha no fio entre o que é real e inventado. Chego nesse ponto da jornada cansado, porém, disposto; (olho para trás e) pelas pegadas, constato que não caminhei sozinho. Ainda bem.

Hoje nos sentimos mais fortes e mais felizes, quem sabe. Essa base do tal do chão histórico nos deu sustentação. Os olhares críticos e dialéticos acerca da história, memória, engajamento, senso comum e cultura são armas boas e afiadas para a luta. Mas também nos perdemos muito durante. Sentimos dificuldade de sustentar o foco nos seminários depois de tantas horas na frente do computador. Talvez, não aproveitamos o quanto gostaríamos. Mas certamente saímos diferentes do que entramos. E agradecemos a Alexandre e Simone e a todas as colegas e todos os colegas que encontramos aqui.

Nesse manifesto, dizemos que nossa dança é longa e demorada e não vamos sozinhos.

Afirmamos a potência da intervenção política das percepções pela arte onde a liberdade de expressão é o fundamento.

Uma travessia remada a muitas mãos, por um rio de lampejos lampejantes; de todos eles, ficamos com o lampejo do vaga-lume: fenomenal!

Enfim, em fim, manifestamos que sejamos e nos reconheçamos como (mais e mais) sujeitos engajados, capazes de criar realidades por meio de narrativas poliédricas calcadas em nossas memórias individuais e coletivas. A travessia que neste processo seminal se iniciou é longa, e manifestamos que seja tão frutífera quanto já foi, até que findos os nossos mestrados em Artes da Cena sigam além, manifestando-se nas camadas existenciais para alcançar todos os seres que nos atravessarem, sem distinção. Manifestamos a potência dos encontros, mesmo que intermediados por telas. Manifestamos a coralidade, mesmo que distanciada. Manifestamos o teatro e a dança mesmo que no meio de uma pandemia. Manifestamos! E seguimos vivos. Viva!

*(Um lugar fora: a rua)*



## Referências

BENJAMIN, Walter. *O autor como produtor. Conferência pronunciada no Instituto para o Estudo do Fascismo, em 27 de abril de 1934*. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 120-136. [Obras Escolhidas, v. 1]

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mainardi, São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva*. Trad. Beatriz. Sidou, São Paulo: Vértice, 1990. ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

HARRIET, Fulchran-Jean. *Oedipus at Colonus*, 1798. Disponível em <https://www.clevelandart.org/art/2002.3>. Acesso em: 26 out. 2020.

PODKOWÍNSKI, Wladyslaw. *Frenzy of Exultations*, 1893. Disponível em [http://www.palacwchrzesnem.pl/en\\_frenzy\\_of\\_exultations](http://www.palacwchrzesnem.pl/en_frenzy_of_exultations). Acesso em: 26 out. 2020.

SÓFOCLES. *Antígone*. Trad. Trajano Vieira, São Paulo: Perspectiva, 2009.

Submetido em: 14/11/2020

Aceito em: 25/11/2020